

N.º 94

MANEIO DE VACAS LEITEIRAS

SEIS MODOS DAS VACAS DIZEREM “ALGUMA COISA ESTÁ MAL”

Com as práticas intensivas de hoje, as pessoas tendem a considerar algumas situações anormais como sendo normais.

Imagine o seguinte: leva a sua carrinha à oficina para uma mudança de óleo, e o mecânico fica com um ar preocupado e pergunta-lhe: “Há quanto tempo andarás a fazer este barulho estranho?” Você pergunta, “Que barulho?”

Esta situação não lhe parece familiar?

Demasiadas vezes, permitimo-nos aceitar barulhos ou comportamentos aberrantes até ao ponto que consideramos fazerem parte de uma operação normal. Frequentemente, é preciso um bom especialista para reconhecer que existe um problema.

Esta situação não se aplica somente ao seu equipamento mecânico. Importantes sinais de alarme, descurados, acontecem frequentemente no seu estábulo. Como técnicos, detectamos muitas vezes comportamentos que não são reconhecidos pelo proprietário ou gestor de exploração como sendo anormais. Se o tratador do dia a dia, vê estes comportamentos todos os dias na sua exploração, começa a aceitá-los como fazendo parte de uma rotina normal. Frequentemente, o comportamento é um bom indicador de que existem problemas.

Eis seis sinais de alarme que NÃO deve considerar normais:

1- As vacas deambulam no estábulo ou ficam deitadas nos corredores. Durante o dia a actividade das vacas reparte-se por estarem nas manjedouras a comer, no bebedouro a beberem ou vão para a “logette” ou área de repouso para se deitarem e ruminarem.

Se as vacas deambulam nos parques ou ficam pouco tempo nas “logette” ou parque de repouso, estão a dizer-nos que não estão confortáveis. Quer dizer que a área de repouso está mal desenhada ou mal mantida (suja, húmida, muito áspera, demasiado inclinada, etc).

Não pense que um novo estábulo resolverá necessariamente os problemas. Encontramos muitos estábulos construídos mais pelas especificações do construtor do que pelas necessidades dos animais.

Não assuma ter de aceitar uma certa percentagem de “inadaptadas” em qualquer estábulo. Muitas explorações com grande número de animais (400 vacas ou mais) têm taxas de recusa de estábulo de 0.25% ou menos (uma vaca em 400). Antes de construir ou remodelar, visite pelo menos quatro novos estábulos, preferentemente fora da sua área.

Certifique-se que aprendeu com os erros alheios e não os repita.

2- As vacas congregam-se junto às entradas ou outros locais onde haja ar fresco.

Quando as vacas se juntam assim como para “beber o vento”, estão a dizer-lhe que a qualidade e disponibilidade de ar são insuficientes ou más, impedindo-as de comer ou deitar-se.

É difícil medir estes factores, mas se pedir a consultores qualificados para comparar as suas condições com as de outros produtores poderá daí tirar algumas conclusões. Se necessário pode medir o deslocamento do ar, a temperatura e humidade nas várias partes do seu estábulo. Certifique-se que as avaliações são feitas ao “nível da vaca”, para se alcançar o potencial impacto no conforto das vacas.

3- Várias vacas “estacionam” junto ao bebedouro. Frequentemente, preocupamo-nos com o espaço do comedouro, quando na realidade, a disponibilidade da água pode estar a travar a capacidade de ingestão de matéria seca, mais do que o espaço do comedouro. Quando as vacas permanecem junto do bebedouro, estão a bloquear o acesso a outras que provavelmente comeriam mais se pudessem beber mais.

Os bebedouros devem ser longos, espaçosos, devem estar colocados em todos os parques em posições desencontradas e, idealmente, não estarem afastados mais de 30 metros de distância. Se vê vacas tentando lambear poças de urina, podem estar a dizer-lhe que a quantidade e qualidade da água é inadequada.

4- As vacas caminham relutantemente com passos curtos e hesitantes. A acidose subclínica e a laminite são mais comuns em vacarias do que os criadores ou consultores imaginam. Demasiadas vezes, o equilíbrio da ração é acusado de causar estes problemas quando há outros culpados mais prováveis. Qualquer prática que interfira com o normal funcionamento da fermentação do rúmen é pelo menos tão importante como a formulação da ração.

Consequentemente, “quando e como se alimentam” as vacas, disponibilidade e qualidade da água, conforto, lote do “uni-feed”, qualidade do ar e muitos outros factores

que limitam a ingestão de alimentos ou alteram os padrões de ingestão, devem ser reconhecidos como contribuintes importantes para o aparecimento de laminite.

Outros sinais de acidose subclínica podem incluir comer as camas ou fezes, sangrar intermitente das narinas, agitar violento das caudas, excessivo consumo de bicarbonato quando este é fornecido à vontade e uma elevada incidência de problemas de saúde inexplicáveis.

5- A consistência e composição das fezes varia significativamente de vaca para vaca. Frequentemente, a variabilidade das fezes é um dos primeiros sinais visíveis de acidose subclínica. A variação do aspecto das fezes sugere que a ingestão de alimentos e subsequente fermentação do rúmen não são o que deveriam e necessitam ser avaliados. O controlo dos factores enumerados no ponto 4 pode ajudar a estimular e estabilizar a ingestão de matéria seca. O resultado será uma menor variabilidade no aspecto nas fezes.

Micotoxinas e agentes de putrefacção nas forragens e nos grãos podem, também, afectar significativamente tanto a ingestão como as fezes. A composição das fezes deve ser avaliada em termos de conteúdo em grãos e fibras.

A presença de alimentos não digeridos sugere que o grão não foi adequadamente processado, que o milho da silagem foi colhido em grau de maturação imprópria, que o comprimento de corte da forragem ou silagem é demasiado curto, ou que a fracção proteica não está devidamente equilibrada.

6- A incidência de edema do úbere, febre do leite, retenção de placenta, metrite, deslocação do abomaso e cetose, é maior do que 5%. Demasiadas vezes, estes problemas de recém-paridas são tomados como sendo normais em vacas de elevada produção. Na realidade, apesar de todos estes desarranjos poderem ser tratados terapeuticamente, é mais avisado e mais económico prevenir estes problemas com cuidados apropriados pré-parto e práticas de transição de alimentação.

Independentemente do nível de produção das vacas, estes desarranjos são, de facto, preveníveis.

Frequentemente, o maior culpado é o excesso de potássio ou sódio na alimentação da vaca seca. Esta situação pode levar a baixos níveis de cálcio sanguíneo durante ou depois do parto.

Baixo cálcio sanguíneo pode deprimir o apetite, levando à cetose, deficiente involução uterina, metrite e deslocação do abomaso, nas duas primeiras semanas depois do parto.

Desordens metabólicas, tais como a cetose e deslocação do abomaso, que ocorrem mais de duas semanas depois do parto, sugerem que existem problemas com a formulação da ração, forma física do TMR (demasiado curto), ou manejo da alimentação grosseira.

Esta lista de problemas e soluções não é certamente totalmente abrangente. No entanto, servem para realçar a oportunidade que o produtor tem de melhorar situações que acabou por aceitar como “normais” no seu estábulo.

Sobretudo, questione as vacas e certifique-se que ouve o que elas dizem! Chame um profissional adequado para o ajudar a avaliar e resolver as questões. Certifique-se de que contrata consultores com larga experiência e conhecimento, que olhe para o seu método e práticas de manejo na perspectiva da vaca, e que não hesitará em dizer-lhe quando vir algo que deve ser alterado e corrigido.

Nota: TMR = sistema “uni-feed”.

Por: Brian Perkins e Bill Prokop*

* Traduzido e adaptado por: Isabel Rodrigues Mendes.

Fonte: Hoard's Dairyman, 9/97.

In “A Vaca Leiteira” nº 66 - Ano XI

Aveiras de Cima, 17 de Julho de 1998
SERVIÇOS TÉCNICOS

GV/CV